

# **Estudos da rádio em Portugal**

Rogério Santos

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA

# Índice

<b>Introdução</b>	<b>7</b>
<b>1. História, Comunicação e <i>Media</i> – elementos para um conhecimento</b>	<b>10</b>
Braudel, Innis, Foucault e Ricœur	16
Transição	24
Múltiplas perspetivas	28
<b>2. A revolução da gravação sonora – ou a imortalidade da voz humana</b>	<b>35</b>
Elementos conceptuais	35
Gravação técnica do som	38
Algumas práticas de registo sonoro na rádio portuguesa	42
<b>3. Cultura radiofónica na primeira metade da década de 1960</b>	<b>47</b>
Elementos do percurso profissional e estético de Curado Ribeiro	48
Influências francesas	52
Estética sonora	57
A distinção entre música séria e música ligeira em Serra Formigal	62
<b>4. Notas sobre os escritores da história da rádio em Portugal</b>	<b>68</b>
José do Nascimento	68
Álvaro de Andrade	73
José Matos Maia	78
<b>5. Modelos radiofónicos e importância da marca</b>	<b>81</b>
Modelos de emissões da rádio em Portugal	81
Rádio e promoção da marca	87
<b>6. Inquéritos sobre audiências (1943-1973)</b>	<b>90</b>
Primeiros inquéritos	91
Primeiros estudos regulares de audiências	93
Inquérito de 1969	94
Inquérito Norma (1970)	99
Inquérito Convívio (1972)	100
Dados de 1973	104
Cartas ao <i>Diário Popular</i> (1968)	105

<b>7. Rádios regionais: Rádio Ribatejo e Rádio Altitude</b>	107
Rádio Ribatejo (1951-1975)	107
Colaboradores e alguns programas da estação	111
Notas para um perfil de radioamador	117
Rádio Altitude	118
<b>8. Rádio Universidade</b>	122
O papel do padre Ávila	125
A dura aprendizagem da censura	126
<b>9. Programas, géneros e produtores</b>	130
Programas culturais da Emissora Nacional	131
Teatro e folhetins radiofónicos	136
<i>PBX</i> (1967-1974)	142
<i>Página 1</i> (1968-1975)	147
<i>Tempo Zip</i> (1970-1972)	162
<i>Em Órbita</i> (1965-1971)	166
<i>23.ª Hora</i> (1959-1974)	171
<i>Simplesmente Maria</i> (1973-1974)	175
Parodiantes de Lisboa (1947-2007)	179
Espaço 3P (1963-2010)	186
<b>10. Cultura e perfis profissionais na rádio e na música</b>	190
Locutores da Emissora Nacional	192
Locutores de outras estações	199
Carreiras de locutor	208
Técnicos	213
Percursos de profissionais da música	221
Relação entre editor e músicos	233
<b>11. Prémios de rádio da Casa da Imprensa</b>	242
Críticos de rádio	246
<b>Bibliografia</b>	254

## Introdução

Muitas das imagens que ficaram para a posteridade sobre a atividade da rádio, editadas em espaços de informação da programação, mostram um par de radialistas em estúdio, como se fosse um casal, a conversar e a passar música e publicidade, com o operador atento do outro lado do vidro. A reportagem e os seus protagonistas e sons, a notícia concisa a revelar a rádio como meio do imediato, a divulgação de canções novas a par das clássicas, a magia da voz (por se saber ainda pouco ou nada dos locutores e dos que falavam ao microfone) e os géneros (teatro, desporto, crónica, informação, concursos, publicidade) estão nessas fotografias mesmo que não se identifique a sua diversidade.

Alguns locutores e programadores tiveram longas carreiras, acompanhando as profundas transformações do meio radiofónico, que aqui procuro entender em termos teóricos e históricos. Por isso, o livro tem dois capítulos iniciais mais voltados para a discussão académica: “História, Comunicação e *Media*” e “A revolução da gravação sonora”. Os textos “A revolução da gravação sonora”, “Cultura radiofónica na primeira metade da década de 1960” e “Inquéritos sobre audiências” foram apresentados em congressos ou editados, mas aqui aparecem melhorados. Noutros capítulos, atendo à produção radiofónica em Lisboa, Santarém (Rádio Ribatejo) e Guarda (Rádio Altitude) e a alguns programas nas estações nacionais, no seguimento de investigação anterior (*Página 1*, *Tempo Zip*, *Em Órbita*, *PBX* e *23.ª Hora*), folhetim *Simplemente Maria* e produtores independentes (Parodiantes de Lisboa e Espaço 3P).

O livro debruça-se também sobre dois autores e/ou pensadores portugueses: Fernando Curado Ribeiro e Serras Formigal, o primeiro com publicação em que a teoria reflete a prática radiofónica e o segundo com um documento discutido internamente na Emissora Nacional. Ambos desempenhariam cargos importantes nos domínios da rádio e da música. Um capítulo enfatiza a

cultura e os perfis profissionais na rádio (e na música), com percursos biográficos, relação entre editor e músicos, locutores e técnicos, dentro da ideia de fazedores da rádio, dos que vivem do trabalho mas com perfil para participar nas decisões políticas<sup>1</sup>, também próximo da análise antropológica. Outro relaciona a importância dos prémios da rádio (Casa da Imprensa) com a evolução política do país.

Para o livro, fiz pesquisa em bibliotecas e arquivos (Biblioteca Nacional, Biblioteca Municipal do Porto, arquivo da RTP, Torre do Tombo), li jornais e efetuei entrevistas em profundidade com agentes sociais e profissionais da rádio e da música, em várias cidades (Lisboa, Porto, Setúbal, Évora, Faro, Matosinhos, Montemor-o-Novo, Soure) e locais (estações de rádio, universidades, casas dos entrevistados, bibliotecas, cafés, restaurantes), registando as conversas, sempre que possível, em vídeo. Erros factuais ou falhas de interpretação adequada devem ser atribuídos a mim e não a qualquer dos entrevistados: Adelino Gomes, Afonso Henriques Ferreira, Albérico Fernandes, Alberto Frias, Álvaro Esteves, Álvaro Nazareth, António Gomes Almeida, António Miguel, António Rêgo, António Trindade Guedes, Armando Caldas, Armando Carvalhêda, Armando Pires, Arnaldo Trindade, Aurélio Carlos Moreira, Carlos Silva, Elder Récio, Estrela Serrano, Eugénio Alves, Evaristo Nunes Forte, Fernando Quinas, Fernando Rocha, Francisco Mascarenhas, Homero Cardoso, Jaime Fernandes, João Alferes Gonçalves, João David Nunes, João Lourenço, João Manuel Antão, João Oliveira Pires, João Paulo Diniz, João Paulo Guerra, Joaquim Furtado, Jorge Gil, José Manuel Nunes, José Nuno Martins, Luís Garlito, Luís Paixão Martins, Manuel Bravo, Manuel Costa Monteiro, Manuel Jorge Veloso, Manuel Monteiro, Maria José Mauperrin, Mário Martins, Olga Serra Cruz, Orlando Dias Agudo, Pedro Castelo, Rui Paulo da Cruz, Ricardo Saló, Rui Melo e Rui Remígio. Apreciei conhecer o mundo das audiências através de conversas prolongadas com os especialistas José Vidal de Oliveira e Mário Bacalhau, a permitir reconstituir parte da história das audiências dos *media* em Portugal. Com Nelson Ribeiro e Catarina Burnay fiz algumas entrevistas em conjunto, destinadas a investigação específica. Pelo método da história oral, que empreguei com cautela noutras pesquisas, consegui recuperar a memória de programas, tecnologias e constituição de grupos de dirigentes, locutores e técnicos, não expressa de modo claro na documentação guardada. Também

---

<sup>1</sup> Hobsbawm, 2010: 163.

aproveitei material de entrevistas editadas no programa radiofónico *A Minha Amiga Rádio*, de Luís Garlito, e no programa televisivo *No Ar, História da Rádio em Portugal*, de João Paulo Diniz. Pelo apoio dado no arquivo da RTP, agradeço a Manuel Lopes, Eduardo Leite, Sílvia Garriapa e Maria Alexandra Fraga. E ainda a Nelson Ribeiro, Sílvia Santos e Madalena Oliveira, colegas com quem partilhei comunicações e ideias, e a Marta Amado e Ricardo Andrade, pela transcrição de muitas das entrevistas. À Universidade Católica Portuguesa e ao Centro de Estudos de Comunicação e Cultura a minha gratidão pelo apoio à publicação.

Ao dar o título *Estudos da Rádio em Portugal* à presente edição, tenho em mente induzir noutros investigadores a vontade de estudar a realidade nacional, a partir de textos já produzidos e sua ligação à prática dos programas e da programação radiofónica. Por isso, ao escrever, segui exemplos de outros escritores da rádio, especialistas no pensar e no fazer, a quem tributo homenagem: Fernando Curado Ribeiro, José Matos Maia e Eduardo Street. Mas também a homens que quiseram publicar mas não o conseguiram (José do Nascimento) ou apenas escreveram artigos de jornal (Álvaro de Andrade), aquele com mais pendor tecnológico, este com interesses culturais mais elaborados. Aos dois, dedico um capítulo, analisando os seus contributos. Chamo-os de escritores e não historiadores de rádio porque não aplicam os conceitos adequados do especialista de ciências sociais, ficando-se mais pelo acontecimento e pelo lado inédito ou insólito associado a ele. No livro, também não existe apenas a paixão pela diacronia, mas trabalha-se o interesse pela comparabilidade e especificidade de cada programa ou estação, o que me aproxima das perspetivas desses agentes culturais da rádio e escritores que intentaram guardar memórias.